

51036
+ 18/97

• EO9518|01

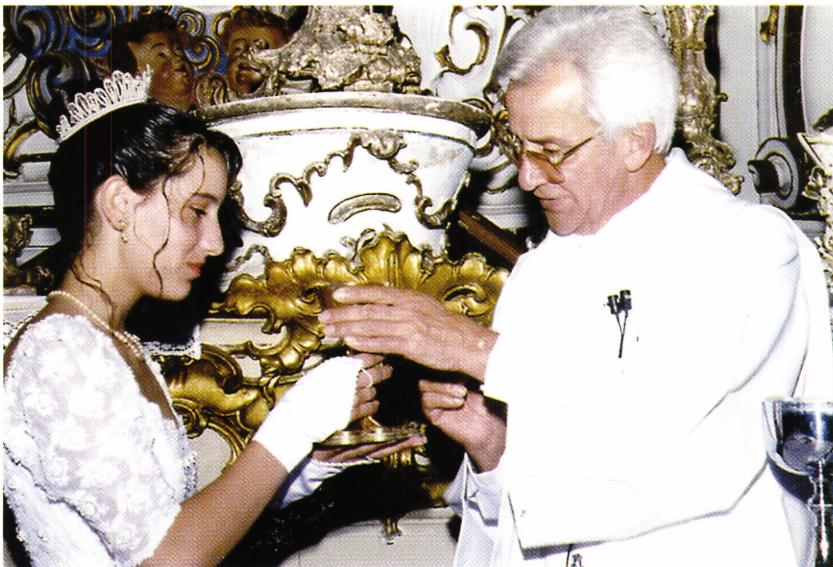
INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

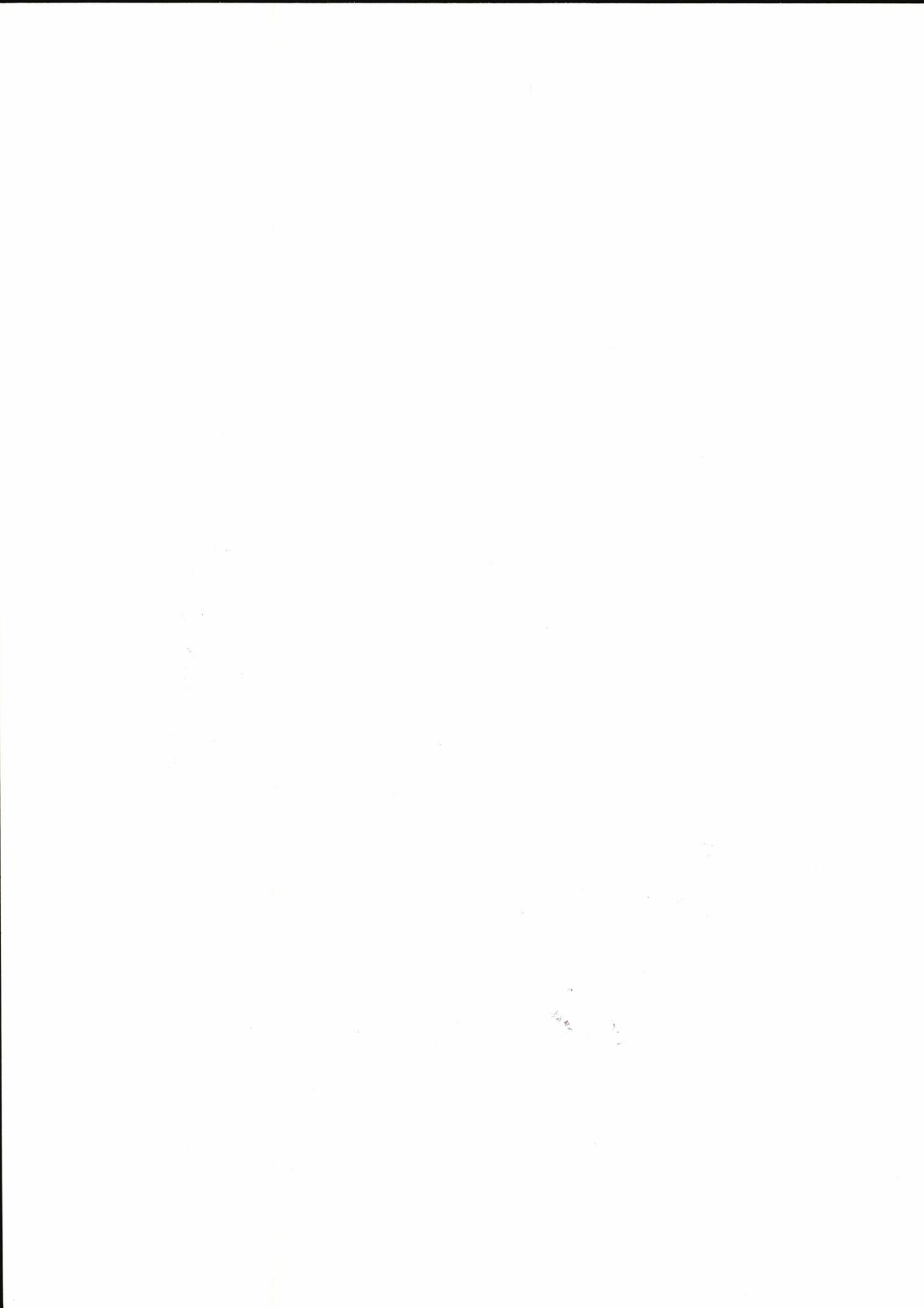
“Manifestou-se no mundo a bondade de Deus, nosso Salvador,
e o seu amor pelos homens” (cf. Tt 3,4)

Às oito horas da manhã de sábado, 7 de junho de 1997,
a bondade e a humanidade divinas voltaram para o Céu.
Haviam se tornado gente na pessoa do

PADRE JOÃO DUQUE DOS REIS



Nunca o terrível câncer fizera estrago maior. Nem teria explodido, se viesse a saber antes que interrompia a vida da própria bondade e humanidade feita gente. Padre Duque era tão bom e tão humano que, nele, bondade e humanidade tornaram-se seus únicos defeitos.



Padre João Duque dos Reis nasceu em Córregos - MG, no dia 24 de fevereiro de 1931. Sua mãe, única filha entre 9 irmãos, era formada pelo Colégio Diamantinense, vindo, depois, a ser professora da maioria dos seus filhos. Seu pai trazia a rigidez de uma educação européia, orientada por dois padres, seus parentes, residentes na mesma fazenda onde fora criado.

Assim descreve seus primeiros anos sua irmã Natália: A infância de João Duque não se destaca muito da das outras crianças da época. Tinha boa saúde e um ambiente familiar saudável, onde pôde receber uma boa formação humana e religiosa. Fisicamente, chamava a atenção pela cor dos olhos e pelo tamanho da cabeça que, por ser maior do que o comum, rendeu-lhe o apelido de "Cabeça-e-mela". Era considerado uma criança muito levada, talvez porque, na ocasião, já se dispusesse a enfrentar as consequências advindas da fuga aos padrões disciplinares. Na escola, por exemplo, era considerado um bom aluno, mas não deixava de fazer suas artes para se manter neste lugar. Conta-se, por exemplo, que ele era o responsável pelo suprimento de varas de marmelo, utilizadas pela professora D. Amélia Cotta, como instrumento de correção, até o dia em que ele mesmo se tornou o alvo desse objeto. Era do tipo de não levar desafetos para casa, tendo, por isso, quase afogado nas águas mais poluídas do lugarejo, um colega, bem maior do que ele, porque este lhe dissera que estava com cheiro de gato novo.

Attitudes com estas não impediam, no entanto, que desse vazão a momentos de rara sensibilidade, como quando tinha acesso a textos literários ou quando podia se extasiar, em noites de lua cheia, no curral da pequena fazenda onde vivia, ouvindo canções como *Tristeza do Jeca* e *Luar do Sertão*, entre outras, emocionando-se sempre que ouvia, principalmente esta última, até seus últimos dias.

Tal situação se intensificou muito quando, em 22 de janeiro de 1941, sua mãe veio a falecer, em consequência de uma pneumonia dupla e do parto de Marillac. Seu pai permaneceu na pequena fazenda com os sete filhos (a Marillac já havia sido entregue aos tios, que a criaram). A dos Anjos, irmã mais velha, então com 13 anos, administrava a casa com a orientação das tias, e o José e o João, com 11 e 10 anos respectivamente, se encarregavam do resto, pois já se agravava a saúde do pai, que veio a falecer em 11 de fevereiro de 1942.

Antes de sua morte, ele já havia responsabilizado os tios-padrinhos pela guarda de seus respectivos afilhados, o que não aconteceu, na realidade. O próprio João ficou com a tia Conceição, que não era sua madrinha, pelo fato de esta morar mais próximo do local onde ele poderia continuar freqüentando a escola. E ele mencionou, em várias oportunidades, a sua grande tristeza quando, na encruzilhada que conduzia cada um aos seus respectivos destinos, teve de se separar do Joaquim e do Antônio, que iam morar com outro tio. O José já estava, então, em seu primeiro ano de seminário, em Diamantina.

○ padre José Gonçalves, de quem João foi coroinha, o encaminhou para estudar no Colégio São João, em São João del-Rei. Em 1946 chega ao aspirantado de São João del-Rei, onde fica até 1949. Proveniente de família simples e cristã, não sentiu tanto o rigor e a pobreza do aspirantado, então dirigido pelo padre Francisco Gonçalves de Oliveira. Em 1950 fez seu noviciado em Pindamonhangaba-SP, onde proferiu seus primeiros votos, em 31 de janeiro de 1951. Voltou para São João del-Rei para continuar seus estudos filosóficos. Lá permaneceu também durante seu tirocínio prático. Ótimo assistente e ainda melhor professor, era amado por seus assistidos e admirado por seus alunos.

Em 1957 partiu para a Europa, onde fez o curso de Teologia no Pontifício Ateneo Salesiano de Turim, continuando, depois, seu aperfeiçoamento em Filosofia, agora em Roma. Voltando de lá já ordenado sacerdote, lecionou Filosofia para os pós-noviços de então e para a Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras. Lá foi diretor da Faculdade e do Colégio São João até ser, em 1973, nomeado vice-inspetor. Encarregado da animação pastoral da Inspetoria, organizou jornadas de formação para jovens e educadores, que são até hoje lembradas. Nesse tempo animou também a Formação Permanente inspetorial e interinspetorial. Extremamente organizado e preocupado que tudo corresse bem, encantava a todos com o seu jeito delicado de ser e receber as pessoas. Num tempo de incertezas e questionamentos, como foi a década de 70, era mesmo necessária uma pessoa de fé, preparada e aberta como o P. Duque. Respeitoso com quem discordava dele, sabia conquistar por aquilo e por aquele que era.

Em 1979 foi nomeado Inspetor da Inspetoria São João Bosco. Sempre preocupado com a vida comunitária na teoria e na prática, impregnou a Inspetoria de humanidade. Consegiu solidificar o clima

de família e o espírito de diálogo que ainda hoje se fazem tão fortes em nossas casas. Profundamente homem de Deus, Padre Duque era capaz de deixar afazeres urgentes para ir visitar gratuitamente um salesiano ou mesmo um colaborador leigo doente.

Terminado seu tempo de Inspetor, voltou a São João del-Rei como economista em 1985 e conselheiro em 1986. Os anos de 88 em 89, passou-os como diretor do Pré-noviciado que, então, funcionava no 5º andar do Colégio Salesiano de Belo Horizonte. Em 1989 voltou para São João del-Rei como vigário paroquial e encarregado pela Inspetoria de ultimar a passagem da extinta Faculdade Dom Bosco para o Governo Federal, criando, assim, a atual FUNREI. Em 1990 os irmãos o indicam para o Conselho Inspetorial. Ficou em Barbacena ainda em 1991 como vice-diretor; voltou a São João em 92. Com a morte do P. José Vieira de Vasconcellos, em 93, foi nomeado diretor do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa de Barbacena, de onde saiu já marcado pela fatal doença que o levou ao túmulo. Fora nomeado diretor da Casa Inspetorial e escolhido para ajudar o Inspetor na animação espiritual das comunidades da Inspetoria.

Havia passado o Natal de 96 com a família em Córregos. Assim de repente, contra o seu normal, pede à sua irmã Aparecida que o traga de volta para Belo Horizonte. De Belo Horizonte quer ser levado a Barbacena. Em Barbacena alternava momentos de lucidez e com esquecimentos de coisas corriqueiras e automáticas. Precisava parar para pensar onde estava a porta do banheiro ou o caminho do refeitório. Chamou o padre Jacy Cogo para lhe indicar o que devia fazer: "não ligo coisa com coisa", dizia. E não ligava mesmo. Padre Tarcísio Scaramussa, Inspetor, aconselhou-o a passar uns dias em Cachoeira do Campo. No meio da viagem, sempre contra seu correto modo de ser, pede ao noviço Miguel A. Doriguetto, que conduzia o carro, que o leve para Belo Horizonte, à casa de sua irmã Aparecida. Lá teve uma paralisia do braço direito, seguida logo por outra na perna direita. Aparecida levou-o ao médico. Uma tomografia computadorizada acusou a existência de um tumor no cérebro. O médico, Dr. Guilherme, opera-o com êxito. Recebemos com festa o resultado da operação. Padre Duque voltou ainda a andar, a falar e, até mesmo, a bater papo, como gostava. Participava na comunidade da Casa Inspetorial em tudo o que podia. Mas a letal doença havia se ramificado. O tumor voltara. Padre Duque foi definhando. Aos poucos lhe foi tolhendo os movimentos, cortando-lhes o comando. Nem os carinhosos cuidados dos enfermeiros Eva Maria Borges e Tarcísio Soares de Almeida,

dos salesianos e parentes, tiveram poder contra a morte. "Houve, na recente história de nossa Inspetoria, um homem, um Duque, filho de Reis, último dos nobres, guerreiro, fidalgo e filósofo, que dizia não temer a morte, pois queria passear de estrela em estrela, perguntando a cada uma delas acerca do mistério das coisas e rabiscando num pedaço de papel, testa franzida, as perguntas que haveria de fazer numa próxima parada" (Francisco de Sales Martins Neto, seu noviço em 1990).

O HOMEM

Era esbelto e aprumado. Tamanho proporcional ao peso. A juba branca enfeitava-lhe um rosto bronzeado, iluminado por dois grandes olhos verdes cuja beleza as lentes grossas não empanavam. Seu branco e largo sorriso conquistava ao primeiro contacto. Vestia-se no limite entre simplicidade limpa e correteza elegante. Ordenado no pensar e no agir, tudo nele era cristalino. Seu pensar e seu agir batiam perfeitamente.

Um dia, Diógenes, o cínico, acendeu uma vela durante o dia à procura do homem. Teria logo apagado a vela se tivesse encontrado o Duque. Homem como Duque vai nascer um em cada século, com respeito a todos nós que estamos ainda de pé. Ele respirava humanidade por todos os poros. Desde seu sorriso longo e luminoso, seu impecável modo de ser gente até o mínimo detalhe a lhe ocupar o dia traíam o humano-divino e o divino-humano que impregnaram sua vida. Dúque gastava seu tempo com a gente sem olhar o relógio. Era capaz de deixar tudo, qualquer coisa, para atender alguém. Alma naturalmente contemplativa, extasiava-se com uma estância de Camões, com um verso de Virgílio, com uma página de Sartre, com uma igreja cheia de povo e com a espontaneidade do garoto chutando bola no oratório. Obsessivo pela verdade, parava numa preposição paulina da Carta aos Romanos, escarafunchava o texto grego e depois fechava o livro com uma risada. Só largava mão de sua tarefa quando a via bem cumprida, perfeitamente medida e sobretudo claramente definida. Não via por quê não discutir e interrogar os dogmas, e não lhe passava aceitar passivamente, hoje, a certeza de ontem. Reto da cabeleira solene aos sempre lustrosos sapatos, não começava a trabalhar enquanto não via tudo em ordem, demurgicamente combinado. Apaixonava quem chegava perto dele. Todo mundo era importante porque todo mundo era gente. Encantava-se com o mundo dos

simples e encantava o mundo dos menos simples. Deixou saudades por onde passou. O céu ganhou em humanidade quando lá chegou o Duque.

Mas o que mais fez o Duque homem foi sua capacidade de unir o racional ao emocional. Nele coração e razão se uniam com laços muito fortes, indissolúveis até. Punha a filosofia dentro de sua função realmente humana e humanizadora. Passou a sua vida curtindo filosofia, ensinando a pensar. Em uma paráfrase de rara felicidade, assim se expressou Tiago Adão Lara, seu colega de magistério, de ministério e de discussões, definindo o verdadeiro questionador humano que foi o Duque. "Duque, reunimo-nos para celebrar sua vida. Quero celebrá-la, enquanto vida de um profissional da filosofia. Filosofar é entrar em exaltação ou febre de pensar. E pensar dói. Segundo Platão, a filosofia é uma espécie de loucura. Filosofar é expor-se, assim, à tormenta-tormento do questionar. Você não sabia afirmar, definir, definir-se. Talvez, por isso, não soube mandar.

Sua morte tinha de ser o ápice dessa febre de perguntas. E foi. Ironia. O homem que estabeleceu o perguntar, como método por excelência, morreu, segundo versão platônica, placidamente, tranquilo, em um leito, para obedecer à deusa Atena. Mas outro homem, em cuja boca colocarmos tantas afirmações sobre Deus, morreu, segundo a versão de Marcos, com uma pergunta crucial, pois gritada da cruz: 'Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?' Mas confessou, enquanto ainda conseguia pronunciar palavras, sentir-se amado por Deus. E fez sua entrega definitiva: 'Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito'.

Duque, você foi Sócrates a vida toda. Você foi Jesus, no momento supremo em que a vida se tornou a sua cruz. Você morreu perguntando. Sua vida foi, assim, uma obra de arte, digna de grande loucuras:

a do poeta, amante do belo,
a do filósofo, amante da verdade,
a do religioso, amante do amor,
a de todo ser humano, profundamente humano, vítima do tempo.

Hoje você vive a resposta definitiva: a Ressurreição do Senhor e nossa".

ORogério Ignácio de Almeida Cunha, outro companheiro seu de magistério, de ministério e de discussões, e, sobretudo, profundo amigo seu, assim viu o Duque, assim sentiu sua morte-resurreição:

"Houve um homem no meu caminho,
no meu caminho havia um Homem.
Este Homem se fez caminho
no meu caminho,
e o caminho faz do mundo Homem.

Por algum tempo ele foi nosso. Algum tempo que pareceu muito na intensidade; fez-se pouco aos poucos, no dia-a-dia da luta com o câncer, e aos poucos se torna muito, muito... Nós o roubamos ao Pai do Céu, ou ao Céu do Pai. A irmã Morte, irmã de São Francisco e nossa, agora irmã do João Duque, o des-roubou. Fez do indivíduo centelha cósmica, reintegrada no universo, mergulhada no mais profundo de nós, lá onde deixamos de ser 'cada um', e começamos a ser 'todos-um', no Deus de Jesus Cristo, onde o Espírito clama: 'Abbá, Papai'.

Não se assustem as amigas do João Duque. Ele é que ensinou que 'quando digo Homem, quero abraçar também todas as mulheres'. Nem se assustem os amigos com a linguagem, que a gente conversava muito assim, fantasiando de filosofia ou teologia o que, saindo vivo do coração, não cabia no falar comum. Era um exercício de desmontar e religar a linguagem, para ver se o falar valia. Se o que a vida da gente fala pode virar palavra.

Aprimeira vez que vi os olhos dele foi em 1956, no mês de maio. Ele assistente, e eu vice-assistente dos maiores em São João. Tínhamos feito um altarzinho de Nossa Senhora, colocando como colunas duas lâmpadas de gás neon, a última palavra em modernice, na época. Ligados os fios aos reatores, as duas lâmpadas ainda deitadas sobre a cama, nós, a respeitosa distância, esperamos eternos dez segundos, até piscarem uma vez, duas... e acenderam. Saíu em suspiro um "graças a Deus, graças a Deus" sério e profundo. No dormitório, mesmo sozinhos, a gente sempre falava em voz baixa.

Não era indiferente, nem anjo. Convivi com ele na Itália, entre gente de mais de quarenta países. Lembro-me de amigos da Índia e da China, que concordaram comigo, há mais de quarenta anos, que era uma pessoa extraordinariamente confiável, afável, atenta e capaz de crítica. De repente, no meio de uma reflexão, estourava: "Não entendi". E firmava o pé. Em alguns momentos vinha

o silêncio, que normalmente acabava com uma pergunta igual àquela, dos anos cinqüenta, numa experiência de química, que acabava em fogo, e que ficou célebre: "Que *fogum* é esse, Carrara?" O João vivia perguntando, botando perguntas onde cheirava à certeza.

Nas férias em Ulzio, pra lá do Piemonte, ficávamos horas seguidas soprando o fogo em meio à *pinetta* — floresta de pinheiros — para o Hélio Comissário fazer o doce de leite. Eu olhava aquele colega magro, agachado, com os joelhos colados ao peito, olhando fixo o fogo, com uma garrafa de leite no bolso — para tomar, quando a úlcera reclamasse no estômago —, curtindo conosco as horas de liberdade adoçada com o leite que ele ajuntava para nós, cozido no açúcar que nós mesmos socializávamos durante vários dias. Havia alguma preocupação muito íntima e profunda que o recomia por dentro, mas a gente só via o sorriso e, de raro, uma expressão involuntária de dor. Éramos cúmplices, ali, escondidos na floresta, e um dia até fomos pescar trutas, e só por sorte não fomos pegos pela polícia florestal.

Quem se aproximava do João Duque, ficava mais gente. Ele desenvolveu uma personalidade dessas, apropriada a fazer a gente crer. E portanto caminhar e crescer. Na cabeça, não aceitava essas verdades etiquetadas ontem, remarcadas hoje, revestidas e rearrumadas na prateleira da ortodoxia, para continuarem no mercado e se venderem nas consciências. No coração translúcido, aceitava tudo, e só recusava o opaco, o dúvida, o ambíguo. Amava.

Por ter sido ele quem foi, e por ser o que seremos, ele fez, da vida, fé. A ressurreição que nós só enxergamos pelo lado avesso, sob o nome de morte, tem disto. Agora a gente pode falar o que realmente sentia nele. Ele não está aí para reclamar. Já o sabe mais que nós. Figura apropriada para crermos mais na ressurreição, na morte como passagem, na vida como o definitivo que passa, definitivamente transitória, caminhando do "eu e minhas circunstâncias" de olhos fixos na meta. "Tudo é histórico". Se ele estivesse ainda entre nós, reclamaria: 'deixa de ser bobo, véio', 'angu, você não entende nada'. Mas agora está lá dentro para averiguar. Vê nossas cumplicidades e segredos, vê nossas mentirinhas e a vontade grande, grande, de caminhar com ele. Com seus olhos azuis olharia pra gente, enxergando lá onde ele agora está, no fundo do coração. Ele via o coração da gente. O coração, quer dizer, o que há de mais

dúbio, o ambíguo. Amava.

Bem disse um amigo que ele era "mais além de todo o mal e de todo o bem".

Assim, pela vida afora, uma porção de lembranças que fazem Adele um pedaço de mim, um pedaço que me chama para dentro, para o Pai. Não sou privilegiado. João Duque sabia entrar na vida das pessoas. A certeza de que ninguém resolve a vida por mim, mas ninguém caminha sem a mão de alguém, de algum Duque, alguém que seja apoio nos momentos de fraqueza. No mistério que ele quase mostrou, ao se fechar definitivamente à nossa compreensão, a abertura imensa que ele exigiu durante a vida.

Agora pela vida adentro a lembrança da certeza.

Houve um homem no meu caminho

No meu caminho havia um Homem.

Este Homem se fez caminho

no meu caminho,

e o caminho faz o Homem".

SACERDOTE SALESIANO, AMIGO, IRMÃO, CIDADÃO DO INFINITO

Como e a quem compará-lo? Caber-lhe-ia tanto a figura paciente do Cristo, lá do poço, a dialogar com a Samaritana, como a do Cristo, à luz da vela, a discutir com Nicodemos. Toda aquela carga humana do Duque escondia o sacerdote culto, preparado, aberto, acolhedor. Foi sempre o sacerdote testemunho do Cristo-Pastor, que a tradição salesiana cobrou de seus presbíteros (C 45). Dele se poderia dizer o que os Atos dos Apóstolos falaram de Jesus: "passou fazendo o bem" (At 10, 38). Por todas as comunidades por onde passou deixou a marca do pastor que envolvia as ovelhas e as provocava à participação. Vocação de professor, Duque estava radicalmente convencido de que a gente aprende é junto com os outros e em clima de participação. Seus sermões provocavam a participação comunitária e suas celebrações eram um ato de confiança na equipe que a preparara. Aliás, ninguém como ele valorizou tanto o grupo. Sobretudo em São João del-Rei e Barbacena, onde mais serviu como presbítero, deixou saudades profundas de seu presbitério líder e inovador. Na celebração de seu sétimo dia, em São João del-Rei, Tarcísio e Sônia, em nome do grupo da Escola de Pastoral que ele dirigia e orientava, assim descreveram o Duque-Sacerdote: "Duque se eternizou universalmente. Transcendeu. Nós sentíamos o hábito de sua superioridade na sua pe-

quenez, na sua humilde sabedoria, em seus gestos de servo fiel e dedicado.

Em todos os empreendimentos em que foi o baluarte, o sustentáculo, o fundador, no momento da concretização, da glória, de colher os louros, ele evaporava. Que mistério o preservava da vaidade, da ambição, do elogio, da gratidão? Por que não recebeu condecorações? A sua identificação estava nos humildes, na Escola de Pastoral composta de catequistas, donas de casa, aposentados, assalariados, na Catequese, nas aulas de religião, nas celebrações comunitárias da penitência, na loucura da Cruz, poder de Deus para os que querem se salvar.

Como no Evangelho de Marcos, os discípulos eram o xodó de Jesus, nós também, através de seu ensinamento, de seu zelo apostólico, de seu carisma, acreditávamos ser o xodó de Jesus, apesar de todos os nossos problemas e limitações.

Duque foi coerente, viveu como pregava: na caridade, fazendo a verdade. E acrescentava: 'Vou obedecendo à verdade como ela se manifesta em mim'. Assim, enriquecia seus ensinamentos com seu jeito de ser e de pensar alto.

Nestes tempos vazios, Duque trazia dentro de si a plenitude de todos os sentimentos.

Falava-nos dos jogos lingüísticos da ideologia, dos choques e do processo da dialética, do homem como ser que se relaciona, como parte do processo. Conforme dissera um amigo nosso: 'João Duque é um cidadão acima de todo o mal e de todo o bem'.

Duque assumiu uma caminhada de sofrimento. Dizia-nos: 'O processo é maior do que o problema'. E ele viveu o processo. Por isso, sorria sempre, foi além dos fatos e esperou contra toda esperança.

Assim se manifestou, através de seus gestos e atitudes, num sim único, nas mãos que esfregava inconsciente, nos conflitos vividos nas entrelínhas de sua vida, salpicada de sorrisos, mas atravancada de leis, de instituições, de obrigações de homem servidor ou, talvez, escravo.

Agora ele vê face a face. Libertou-se das dúvidas, das angústias, das amarras. Cidadão do infinito! Você veio, despertou inquieta-

tações, espalhou a paz, o riso e a esperança por onde caminhou.

'VINDE, BENDITO DE MEU PAII'. É o prêmio conquistado".

Márcio, líder da comunidade da Cohab de Barbacena, onde o Padre Duque celebrou durante seis anos, assim o descreve: "Falar sobre o Padre Duque é sempre bom, porque ele sempre foi muito simples. É como admirar o pôr do sol no horizonte, a beleza das flores, o orvalho da manhã.

Padre Duque para nós foi mais que um celebrante; foi alguém que soube cativar, com suas palavras amigas, com seu carinho, com sua vida, a todos que, como ele, celebravam a vida. Com sua simplicidade e dinamismo, chegou à nossa comunidade com o firme propósito de cumprir sua missão. Missionário autêntico e profundamente acolhedor, conseguiu, como num toque de mágica, envolver a comunidade nas celebrações, buscando e acolhendo com carinho todos os irmãos que vinham pela primeira vez à comunidade, convidando-os a se apresentarem, acender as velas etc., num gesto simples e evangelizador. Procurava fazer de todos os momentos da comunidade, momentos de celebração e partilha. Nas homilias conseguia, com muita propriedade, fazer a comunidade se sentir como os verdadeiros personagens das Escrituras, na atualidade. A cada final de homilia dava sempre um bordão próprio. Dirigindo-se à comunidade, perguntava, com muita alegria: 'mais alguma coisa?'. Sem saudosismo, mas com muito carinho, a comunidade lembrava-se sempre da alegria e da humildade de nosso inesquecível Padre Duque, colocando em prática os seus ensinamentos".

Maria Cristina Camarano, líder comunitária da Paróquia Dom Bosco de São João del-Rei, põe em evidência o carinho e a dedicação de Bom Pastor que constituíram o empenho sacerdotal, salesiano e pastoral do Padre Duque: "Para mim uma lembrança muito bonita do Padre Duque era como, em todas as celebrações, acolhia as pessoas com um sorriso e com o olhar, sem pronunciar uma palavra. Dizia para a gente que o sacramento que mais gostava de celebrar é o do Perdão. 'Que beleza... ver aquele povo simples, sofrido, calejado, vir buscar o perdão'. Para mim ele dizia que gostava de cantar com o povo o perdoai-nos, ó Pai, as nossas ofensas, como nós perdoamos a quem nos ofendeu..."

Durante seis anos tivemos, nós, alunos da Escola de Pastoral, a felicidade de reunir e refletir, com o Padre Duque, sobre Jeremias,

Atos dos Apóstolos, Marcos, Lucas e Mateus. Guardo a imagem do quadro negro todo rabiscado. De vez em quando falava: 'Cuidado com as minhas heresias'. Tinha um carinho e um compromisso sério com a Escola; quando acontecia alguma reunião e ele não podia vir, telefonava-me de Belo Horizonte ou de Barbacena, avisando e justificando sua ausência. E mandava, no horário da aula, a gente aproveitar para colocar as fofocas em dia.

Otra virtude dele: sabia ouvir a gente. O de que ele mais gostava, no nosso encontro, era do famoso cafezinho. Lembro-me de um gesto carinhoso dele: colocar aquela mão pesada no nosso ombro e dizer: 'Que bacanal... Você veio hoje!'".

EUNTES DOCETE — IDE E ENSINAI

Qualquer palavra sobre o Padre Duque seria incompleta se não lembrasse o professor. Em todo o sentido ele foi sempre professor. Não só porque ensinou com a vida, mas e sobre-tudo, porque tinha o gosto, o prazer e a vocação da leitura, do pensamento, da discussão, da sala de aula. Duque só abandonou o giz e o quadro — vítimas de suas flechas —, no tempo em que foi inspetor. Do tirocínio ao túmulo, com raras e pequenas interrupções, ensinou sempre quase tudo a quase todos. Magda Assis, nascida, criada e crescida junto com a antiga Faculdade Dom Bosco e com a atual FUNREI, assim fala do Duque professor: "Falar do Padre Duque é falar de sua humildade, pureza, humanidade, disponibilidade, dedicação, fidelidade. Como professor foi incansável. Com muita responsabilidade e honestidade nunca se apresentava diante dos alunos sem se preparar. Tinha uma capacidade incrível de ouvir. Tudo ouvia com atenção, como se estivesse tomando conhecimento de uma grande novidade e enriquecendo sua cultura, mesmo que fosse algo que para ele constituía uma etapa queimada, um assunto descartável, ou que nada tivesse a ver com ele. Tinha sempre uma resposta até para as perguntas mais sem sentido e ingênuas. Sabia aconselhar e raramente dedicava seu tempo a si próprio. Era quase impossível ouvir dele uma negativa para alguém que o procurasse em busca de conhecimento. Dava aulas de italiano a todo mundo, atendendo a disponibilidade de cada um, mesmo que isso atrapalhasse todo o seu planejamento do dia. Incapaz de dizer não, às vezes se encontrava em situações embarracosas, para as quais sempre encontrava uma saída nobre. Respeitava o aluno como pessoa, como

cristão. Foi o único professor de cuja opinião tive coragem de discordar em sala de aula, pois ele encorajava esta atitude. Seu senso de justiça e de cumprimento do dever levava-o a questionamentos que o perturbavam, prejudicando até mesmo sua própria saúde. Os alunos respeitavam-no pela sua competência, pelo seu espírito humanitário, por sua tranquilidade em tratar com eles, por sua responsabilidade, sua sabedoria e, sobretudo, pelo ser humano completo que era: racional, religioso, social, político, questionador, irmão. Tive o privilégio de ser, do Padre Duque, aluna, colega e, sobretudo, amiga. Com ele aprendi que o poder é efêmero demais para que o usemos contra as pessoas e a favor de nós mesmos, que o poder é uma forma de responsabilidade que temos para com as pessoas. Dele aprendi ainda que nossa missão neste mundo é sermos irmãos, amando o nosso Pai acima de todas as coisas".

Quero terminar esta carta citando Lc 24, 32: "Não estava ardendo o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?" Padre Duque fez o coração de todo mundo bater forte. Em Córregos, em São João del-Rei, em Barbacena, na Inspetoria inteira, por onde passou. Como a bondade é igual à flor que fica bem em qualquer lugar, Padre Duque ficava bem onde estivesse. Dizer que ele era bom demais ainda é pouco.

Esta carta foi jogada no papel tentando recolher o palpitar de corações que bateram com o do Padre Duque. Tantos outros pulsaram forte com ele na caminhada. Agradecemos a todos. Um muito obrigado especial àqueles que, no momento crucial da morte-reressurreição, foram para ele Verônicas e Cirineus. Que o exemplo e intercessão do Padre Duque façam crescer na Inspetoria aquele espírito salesiano que ele tanto viveu e promoveu.

Em comunhão de orações

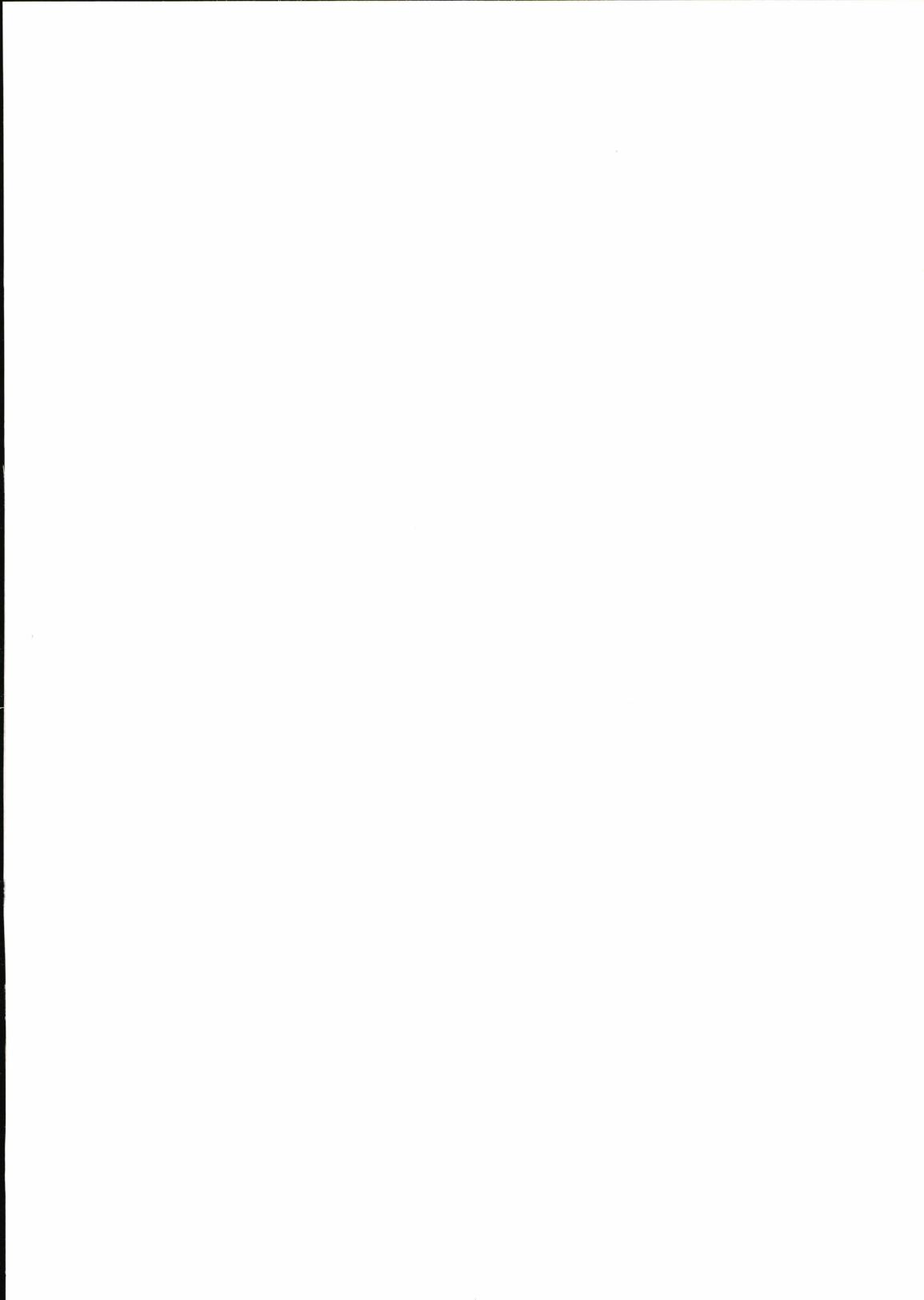
P. Jacy Cogo

DADOS PARA O NECROLÓGIO

P. JOÃO DUQUE DOS REIS

☆ 24 de fevereiro de 1931

† 7 de junho de 1997



DADOS PARA O NECROLÓGIO

P. JOÃO DUQUE DOS REIS

☆ 24 de fevereiro de 1931

† 7 de junho de 1997

SALES
*S*IANOS
Dom
Bosco